

Um estudo topográfico da resposta comunitária ao incêndio na boate Kiss em Santa Maria, Brasil

Dani Marin and Juliane Serres

Abstract

This study investigates community responses to the Kiss nightclub fire, according to sources found in the local media, i.e., newspapers A Razão and Diário de Santa Maria. Collected data went through the Method of Content Analysis and subsequent reorganization into categories, as well as thematic units that refer to places of occurrence and nature of the types of response. Periodization ranges from the date of the fire (2013) to 2019. Mapped locations consisted of the Kiss nightclub building; the Municipal Sports Center; streets; Saldanha Marinho Square; the Franciscan and Marist schools; the Office of the Municipal Executive Power (SUCV); the City Council; the District Attorney's Office; and the Federal University of Santa Maria (UFSM). Thematic units consist of the moment of shock, the immediate response, and coping strategies. This mapping has led to a proposal of spatialization, through an interactive digital map.

Resumo

Este trabalho investiga as condições da resposta comunitária ao caso da boate Kiss, revisitadas através dos conteúdos da mídia local, o jornal A Razão e o Diário de Santa Maria. Esses dados são trabalhados por meio do Método de Análise de Conteúdo, sendo reorganizados mediante categorias e unidades temáticas que remetem aos locais de ocorrência e à

natureza das formas de resposta. O período analisado vai desde o incêndio (2013) até o ano de 2019. Os locais mapeados foram o prédio da boate Kiss; o Centro Desportivo Municipal; as ruas; a Praça Saldanha Marinho; os Colégios Franciscano e Marista; o Gabinete do Executivo Municipal (SUCV); a Câmara Municipal de Vereadores; o Ministério Público; e a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). As unidades temáticas identificadas referem-se ao momento de choque, à resposta imediata e às estratégias de enfrentamento. Esse mapeamento gerou uma proposição de espacialização representada em um mapa digital interativo.

Neste artigo discute-se a resposta social circunscrita ao incêndio na boate Kiss em Santa Maria, em 2013, que envolveu cerca de mil pessoas que frequentavam o local no momento. Dessa estimativa total, duzentas e quarenta e duas foram as vítimas fatais. Imediatamente após o incêndio, as pessoas começaram a gravitar em torno do local da ocorrência precipitante e dos pontos focais associados, estabelecidos na cidade, muitas vezes expressando seu choque e tristeza (Eyre, 2007). Tais ações seguiram ou transformaram-se ao longo do tempo, de modo que coletivos emergentes passaram a manifestar-se de diferentes formas a respeito do caso, por meio de ações como movimentos de rua, fatos transeuntes e assembleias memoriais.

O tema aqui apresentado pretende analisar as condições de ocorrência dessas mobilizações procedentes do processo de desastre e de que modo essas ações ocuparam o espaço público em Santa Maria. Portanto, trata-se de uma investigação

de cunho analítico (Barrera, 2010), que busca empreender uma síntese do fenômeno através de análise documental. Assim, têm-se os jornais *Diário de Santa Maria* (DMS) e *A Razão* (AR) como fontes – dois jornais impressos da localidade com cobertura mais significativa da ocorrência e maiores veículos na época –, estudados através do Método de Análise de Conteúdo (Bardin, 2004).

Junto à Análise de Conteúdo, está a base teórica dos estudos de processos de desastres, fornecendo o conceito de “fases de resposta” (Kellermann, 2007), sendo a primeira a fase de choque, decorrente do início do evento precipitante, seguida pela fase reativa, imediata ou simultânea ao acontecimento gerador. A terceira fase, vista como fase de enfrentamento, conflui a partir de desdobramentos decorrentes da anterior e que geralmente pode durar meses ou perdurar por muitos anos, assim como outras fases, de caráter posterior, as quais o estudo não alcança. Também incorpora-se a dinâmica das “zonas de convergência” (Fritz e Mathewson, 1957) como um fenômeno virtualmente universal no âmbito de processos de desastres, que propõe um comportamento de movimento em massa em direção à área afetada e da arquitetura do processo de resposta ao desastre, que moldam o ambiente social (Kendra e Wachtendorf, 2003).

Aplicando-se o método da Análise de Conteúdo, foram investigadas 2861 edições, sendo 1566 do DSM e 1295 do AR. Tal proposta envolvia o empreendimento

dos seguintes processos: 1º) pré-análise; 2º) codificação; 3º) categorização; e 4º) inferência. Em um primeiro momento, na fase de pré-análise, tal corpus foi estudado através de leitura flutuante, aplicando-se a regra de exaustividade, a qual determina um recenseamento da totalidade do material (Bardin, 2004), para que fosse possível tomar impressões e orientações a respeito deste e seus conteúdos. Assim, ao demarcar-se matérias que cobriam e falavam sobre mobilizações pelas ruas de Santa Maria (relacionadas à resposta comunitária ao incêndio da Kiss), chegou-se a uma seleção de noventa e nove edições, sendo cinquenta e duas do DSM e quarenta e sete do AR, com 162 matérias de ambos os jornais, sendo setenta e três matérias do AR e oitenta e nove do DSM.

Por conseguinte, no processo de codificação, aplicou-se a “regra de homogeneidade,” que implica em uma formatação padronizada do conteúdo (Bardin, 2004). Para isso, pretendeu-se caracterizar os atos empreendidos em diversos espaços da cidade por meio de distinções de suas naturezas de ocorrência, como os locais de sua manifestação. Foram, então, criados índices de caracterização espacial, buscando-se identificar sentidos comuns que pudessem relacionar as posições no espaço ocupadas pelos atos, que resultaram na organização de três indicadores prévios. No primeiro, destacaram-se informações sobre atos realizados na zona do local do incêndio; no segundo, os atos empreendidos pelas ruas,

avenidas e praças; e, no terceiro, os lugares institucionalizados, dentre outros espaços. Desse modo, esses índices de categorização tornam-se a primeira divisão dentre 162 matérias selecionadas.

Como processo seguinte, a “categorização” foi responsável por agrupar as unidades supracitadas a partir de elementos comuns, de semelhança (Bardin, 2004). De acordo com Bardin (2004), estes resultariam na construção de categorias que pudessem receber os elementos somente em cada uma delas e seguindo um princípio único de classificação; que fossem pertinentes ao objetivo do estudo proposto; e que possibilitassem abordagens bem definidas, distinguindo-as e auxiliando-nos na interpretação proposta. Essa categorização resultou na identificação da seguinte topografia (categorias): 1- Prédio da boate Kiss (rua dos Andradas); 2- Centro Desportivo Municipal; 3- Ruas da cidade; 4- Praça Saldanha Marinho; 5- Colégios Franciscano e Marista; 6- Gabinete do Poder Executivo Municipal; 7- Câmara Municipal de Vereadores; 8- Ministério Público Estadual; 9- Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Feita essa categorização topográfica, em seguimento desenvolveram-se unidades de registro temático, criadas a partir da “teoria das fases de resposta” (Kellermann, 2007), que serviriam para concentrar um conjunto de formulações. Assim, três unidades foram responsáveis pela divisão do material dentro de cada

uma das nove categorias: 1^a) *ações no choque*, 2^a) *respostas imediatas* e 3^a) *estratégias de enfrentamento*. Por fim, na última fase da análise, a da “inferência,” que diz respeito à interpretação realizada, buscou-se o que esses conteúdos poderiam ensinar (Bardin, 2004) sobre o comportamento humano nesse tipo de mobilização. E é uma parcela dessa inferência a compartilhada neste artigo, tendo em vista a limitação do espaço da escrita.

Por fim, em acordo com os empreendimentos de mapeamento do efêmero, navegando e delineando a versatilidade e significados da jornada humana (Kent & Vujakovic, 2018), criou-se um mapa. Este compõe o espaço urbano através de algo já desaparecido, por meio de elementos subjetivos das experiências na cidade (McLean, 2018). Nesse sentido, cria-se uma possibilidade em que “*the flat surfaces of space across which we may seem to walk, are transformed into landscapes with suggested angles of view*” (McLean, 2018, p. 513), que se referem justamente a essas novas leituras e geração de realidades (Gerlach, 2018). Trata-se, então, de animar o espaço já desocupado por meio de um conjunto de eventos espaciais (McLean, 2018) a partir do fenômeno de mobilizações em Santa Maria. Assim, demarcaram-se em um mapa, em primeira instância, as nove categorias supracitadas, que representam os espaços de atuação, por meio das demarcações do multiverso espacial (McLean, 2018). Dentro de cada uma delas encontram-se referenciadas as unidades temáticas, que

demonstram os tipos de ocorrências empreendidas em cada um dos espaços. Dessa maneira, esse mapeamento resulta em uma imersão pelas ruas de Santa Maria, conduzindo o participante por uma espécie de peregrinação, possibilitada pelo conteúdo abordado ao longo do texto e facilitada por um mapa interativo proposto como “*a hybrid multisensory digital experience*” (McLean, 2018, p. 503), disponível na plataforma digital Google Maps. Portanto, ao acessar-se cada uma das nove categorias ao decorrer do texto, através do *hiperlink*, pode-se navegar pelas camadas de significados impressa ao mapa (McLean, 2018) de Santa Maria, distinguidas igualmente pelas unidades temáticas. Apresentam-se, assim como sugere McLean (2018), imagens que permitem ao participante aprofundar-se em suas próprias percepções daquele espaço, considerando-se suas predileções e alternativas de navegação por meio desse trânsito virtual.

Respostas ao processo de desastre

Embora não tenham sido somente estes os sítios relacionados ao desastre e às respostas comunitárias ao incêndio, conforme a pesquisa, considera-se que são os mais significativos. Os locais identificados foram a rua dos Andradas, que sediava a boate Kiss; a rua Appel, no Centro Desportivo Municipal Miguel Sevi Viero (CDM); a Praça Saldanha Marinho e outras vias públicas; ao lado, a rua Venâncio Aires, com

o Prédio Histórico da SUCV (Sociedade União dos Caixeiros Viajantes), na época sede do gabinete do Executivo Municipal; entre outros. Eventualmente, essa geografia da resposta ao desastre foi expandida para outras regiões da cidade, como o Campus da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), localizado no bairro Camobi.

Esses locais, analisados a seguir no artigo, podem ser visitados no mapa intitulado “Mapeamento da Resposta Comunitária da Kiss,” em português¹ ou inglês². Conforme a figura, no menu esquerdo estão os nove locais (categorias) mapeados e os respectivos tipos de resposta (unidades). Cada um deles contém fotografias das ocorrências.

1

https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=1IOhBo2LF5iSDgbXFLs8nlq_1C7ZMgOc&ll=-29.686062350907747%2C-53.81862094414064&z=14 [Acesso em 18/01/2024]

2

<https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=1SwPN6uhsSm1CZYObPtT03SbA9bsbzd0&ll=-29.68858521387285%2C-53.81235530388185&z=14> [Acesso em 18/01/2024]

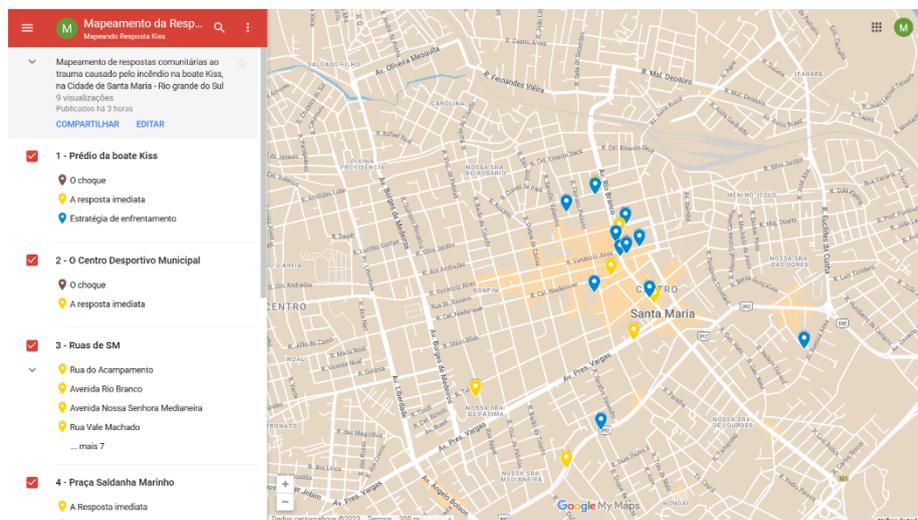


Figura 1: Captura de tela do Mapa digital

Prédio da boate Kiss - Rua dos Andradas, nº 1925 - Centro da cidade

Após o incêndio, tornou-se esse sítio emblemático, cenário tanto de atos específicos deste local quanto de atos integrantes de um circuito pelas ruas de Santa Maria. De forma breve, aqui se abordam os principais elementos de inferência relacionados ao legado das respostas neste local, entre o momento de choque, de resposta imediata e de estratégias de enfrentamento.

No momento de choque dá-se um jogo de forças, por um lado a desestabilizar uma situação e por outro a inserir novas energias no processo (Clavandier, 2004); momento em que podem ter confluídos caos e desordem. Todavia, outras formas de recepção e atuação mediante ao choque podem aparecer (Tierney, et al., 2001), como

foi um dos aspectos mais notáveis nessa circunstância. Cabe lembrar o enfoque no tipo de resposta estudada: comunitária. Portanto, foram ações de civis, atingidos diretamente ou não, que deram as primeiras respostas socialmente integrativas (Tierney, et al., 2001). Tais proposições sugerem os comportamentos dessas pessoas como cooperativos (Fritz e Mathewson, 1957), adaptativos e focados no problema, de características altruístas e com senso de cuidado (Tierney, et al., 2001), de algum modo motivados por uma necessidade imperiosa de fazer algo mediante a situação devastadora (Lowe e Fothergill, 2003). Foram os jovens a abrir buracos na fachada, a retornar ao interior do local em busca de mais pessoas; os vizinhos prestando diversos auxílios às pessoas na rua e os taxistas que levaram muitas das vítimas aos hospitais da cidade; bem como muitas outras pessoas que se dirigiram até o local no intuito de prestar socorro.

Na sequência está aquilo que constituiu um período concomitante e/ou posterior ao momento de emergência. Nesse contexto, a resposta imediata estava balizada pelas convergências, caracterizadas como movimentos em massa em direção ao local da ocorrência ou às áreas correlacionadas (Fritz e Mathewson, 1957). Essas respostas podem ser tratadas a partir de diversas ramificações, sendo as principais para este estudo: *supporters or fans*, que demonstram solidariedade à comunidade e apoio aos agentes de socorro; e *mourners or memorializers*, que

convergem para lamentar, homenagear os mortos e demonstrar condolências (Kendra & Wachtendorf, 2003). Nessa direção, aqui o foco de resposta coletiva dá-se pelo movimento em direção ao “hotspot” (Kellermann, 2007): a rua dos Andradas.

Essas ações resultaram em um instrumento mediador, um núcleo emocional da resposta pública (Grider, 2006), como um Memorial de Convergência, criado a partir de um processo de união de muitas partes, decorrente de uma tendência de dirigir-se e juntar-se no ponto comum, bem como pela ação dos convergentes que trafegavam desde diferentes lugares do “mar urbano” até essa “ilha específica” (Stavrídes, 2014). Desse modo, convergentes demarcaram espaços daquela zona, tratando-se de uma postura, que é de emergência, como se não houvesse tempo a perder. Em tal circunstância necessitava-se chegar o mais perto possível do local em que vítimas fatais deram o último suspiro, como se neste momento estivessem com elas novamente (Yocom, 2006).

Este tipo de ação, aqui tratada como Memorial de Convergência, é conhecida e teorizada através de muitos outros nomes. Para citar alguns, estão os “santuários espontâneos” (Santino, 2010), “memoriais temporários” (Doss, 2008), “grassroots memorials” (Margry e Sánchez-Carretero, 2011). Tal ação, em uma determinada zona, é constituída através de um repertório de objetos, como flores, lembranças pessoais das vítimas, cartas, bilhetes, desenhos, ícones de religiões, cruzes (Santino, 2010);

fotografias, pôsteres, ursinhos de pelúcia, dentre outros objetos que simbolizam o evento e as vítimas (Doss, 2008); assim como criações artísticas e de artesanato construídas individualmente ou por meio de contribuições que se sobrepõem (Yocom, 2006). Além disso, há representações que apareciam em quantidade ou ordenamentos referentes ao número de vítimas, a suas idades (Grider, 2006), suas nacionalidades e até ocupações profissionais (Truc, 2018).

Assim, naquele Memorial Convergência havia objetos de diversas naturezas, que demonstravam sua característica de espaço de comunicação. Primeiro, entre o mundo dos vivos e dos mortos (Santino, 2006), por meio de cartazes de mensagens direcionadas àqueles que haviam morrido, como: “estejam em paz”, “te amaremos para sempre, lembrando teu sorriso e teu companheirismo.” Em segundo, um lugar de contato entre aqueles que frequentavam (Yocom, 2006) (Doss, 2008) (Truc, 2018), com mensagens tanto de apoio, como “Somos todos Santa Maria,” quanto de indagação mútua, como “E agora qual a saída?,” “E a culpa é de quem? Justiça!,” “Justiça a todos,” “A boca do Monte não sorri mais. Queremos Paz, Queremos Justiça.” Esta última representa tanto essa esfera de contato entre os convergentes quanto um ato de envio de uma mensagem de cobrança a alguma instância (Truc, 2018) (Margry e Sánchez-Carretero, 2011); designação que se originaria de um

comportamento de convergência de contestação, sendo este o mais recorrente neste caso de Santa Maria.

Ainda, observam-se bandeiras do Rio Grande do Sul e do Brasil, aludindo à reprodução de identidades englobantes reunidas neste momento difícil, com uma forte retomada de sentimentos patrióticos, como grupo atingido (Truc, 2018). Tal uso, para vai na direção do evento para o grupo, criando uma cultura comum, uma fonte de parentesco (Erikson, 1995) a ser vinculada a estas representações identitárias de conterrâneos (regionalidade) e brasileiros. Na mesma direção, objetos como ursinhos de pelúcia e camisetas de time, ou outros itens trazidos de casa, estão no campo das lembranças pessoais, que inserem a presença daquelas pessoas ausentes no centro da vida social (Santino, 2006). Do mesmo modo, tem-se o uso das fotografias, que por meio de suas formas de representação trazem aqueles que já partiram à vida, pois a morte não é representada (Doss, 2008). Todos estes muito presentes.

Como último aspecto a salientar neste processo de reposta imediata na rua dos Andradas, estiveram atos como o ritual de lavagem do espaço com água de flores, intitulado “Águas da Paz.” O movimento integra o repertório de religiões afro-brasileiras, demonstrando intenções de purificação daquele espaço e de apaziguamento de conflitos, em busca de paz. Uma mãe também começou a fazer

vigília no local, sozinha, sem nenhum tipo de incentivo, a não ser aquele de sua comoção, de seu luto. Foi seguida por outros familiares, os quais passaram a atuar de forma similar, ou mesmo de multidões, que lá estiveram em dias significativos a realizar performances improvisadas e instantâneas da comemoração pública (Doss, 2008), assim como de assembleias memoriais (Santino, 2006). Esse tipo de ocorrência foi inversa a uma celebração conduzida por religiosos ou por entes públicos, quando um significativo grupo de pessoas se reuniu e agiu sem o seguimento de protocolos explícitos e programados, tampouco sem algum indivíduo específico que falasse ao microfone e anunciasse as diretrizes daquele momento (Truc, 2018). Estes criavam naquela zona arranjos, como “*carpets of flowers*” (Greenhalgh, 2002), cantavam e entoavam orações e provocavam salvas de palmas. Depois, passaram a acender velas.

Em determinado momento, pela necessidade de “devolver-se a normalidade ao local,” em razão de manifestação de comércios instalados nas proximidades, o Poder Público desempenhou uma organização favorável tanto à circulação de veículos quanto à continuidade das manifestações. Por meio da remoção temporária de materiais orgânicos em decomposição e dos demais objetos, foram instalados tapumes (estruturas de madeira), nos quais foram reinstalados cartazes, faixas e fotografias junto às flores em bom estado, construindo-se essa nova superfície lisa e

muito favorável à manutenção desse tipo de ato do Memorial de Convergência, em oposição à fachada danificada. Uma estrutura mais verticalizada, o estreitamento da via pública e a passagem do tempo deram novas configuração ao Memorial de Convergência, que passou a servir de um plano.

Nessa nova configuração, detectaram-se novos comportamentos, como dos curiosos e turistas de desastres vindos para ver com os próprios olhos aquilo que tinham visto pelos meios de divulgação (Martini e Buda, 2020). Foi nessa mesma configuração que, passados aproximadamente nove meses, o Memorial de Convergência, enquanto resultado da resposta imediata, deixou de existir, visto que dentre as possibilidades de convergência sua duração é relativa (Kendra & Wachtendorf, 2003).

Ingressaram neste espaço formas de resposta relacionadas às estratégias de enfrentamento, terceira unidade temática assinalada neste estudo. Ao final de 2013, *carrier groups* – que podem ser tratados como grupos de portadores, de suporte ou de transmissão, em reivindicação ao dano, em exclamação de narrativas e demandando reparação (Alexander, 2012) – passaram a tecer certa gestão do objeto. Nesse processo, através da preocupação de grupo de mães de vítimas sobre a imagem do local, atuou-se para dirimir os efeitos das intempéries. Esse ponto é sinalizado como uma transformação parte do processo de quebra (Kellermann, 2007) entre a adesão

da comunidade englobante e as vítimas diretas. Os *carrier groups*, nesse caso, estavam compostos por familiares e sobreviventes, em um movimento representado pela ideia de “nós e eles,” para a comunidade. Tal movimento situa-se na “criação de comunidades afetadas” (Erikson, 1995), justamente com esses grupos que constituíam, inclusive, associações locais de representação legal das vítimas e sobreviventes.

Foi nesse escopo que aquele local passou a ser utilizados de novas maneiras, em que esses grupos trabalharam o espaço e no espaço, para “*construct for themselves a new sacred place fully recognizing that this process is open-ended and only those who grieve know when it is time to stop*” (Clark e Franzmann , 2006, p. 588). Tais grupos atuam entre interpretações e modificações do sítio de forma contextual e datada, e sobretudo como mediador da indignação, da revolta, da luta e dos ativismos (Beristain, et al., 2000).

Um dos principais elementos dessas ações – pois não seria possível mencionar todos – era o grafite, que agia como uma expressão, que faz parte do ato de “comunicação comemorativa” (Thomas, 2006). Desse modo, diferentemente de proposições de homenagem que aconteciam no mesmo local, o grafite carregava consigo um tipo de comentário de contestação política (Thomas, 2006). Portanto, pelo trabalho de artistas locais criavam-se representações iconográficas que

interpretavam a situação, tendo o grafite como uma ferramenta valiosa para “*convey why and how those who lost their lives should be remembered-and how their lives and deaths should be interpreted*” (Thomas, 2006, p. 25). Dessa maneira, a partir dessas formas de interpretação, a fachada até o momento continua a ser utilizada desse modo.

Por fim, situados na ordem do “compromisso dos corpos no sítio,” demarcando-o (Schindel, 2009), estavam os encontros organizados nas datas do vigésimo-sétimo dia de cada mês, assim como no dia 27 de janeiro de cada ano, como resultado da “atualização das emoções” que estão envolvidas (Beristain, et al., 2000). Paulatinamente, aquela zona tornou-se um meio dessa “co-memoração” organizada. Assim, passou-se a construir, ao vivo, um fórum de divulgação de queixas e correção de erros (Senie, 2006), usando-se de outras formas de representação de imagens, distintas daquelas pintadas na fachada, como quando pintou-se, durante uma vigília, em grande parte da via pública, 242 silhuetas humanas, recriando-se uma experiência do evento precipitante (Forrest, 1993). Em diversas outras ocasiões, o piso da via pública foi objeto de criações em ato ritual que representava ideias e atitudes daqueles que o realizavam (Westgaard, 2006), como em um ano usando as silhuetas e em outro usando um enorme coração. Outra ação foi o lançamento de 242 balões: um chamado às vítimas por meio da contagem dos números em uma performance que os integrava ao som do bumbo, retomando essa

aproximação entre o mundo dos mortos e dos vivos (Doss, 2008). Ainda demarcaram aquele local específico e em momento singular, referente ao horário do incêndio, entre muitos outros meios de enfrentamento naquele local. Essas foram algumas das estratégias de enfrentamento identificadas que instrumentalizaram o compartilhamento memorial vinculado àquela zona e àquela situação (Židek, 2020) e que vão ao encontro da proposição da natureza mercurial desses rituais, representando as tantas perspectivas e construções da memória (Doss, 2008).

O Centro Desportivo Municipal Miguel Sevi Viero (CDM) – Rua Appel, s/n – Bairro Nossa Senhora de Fátima

Conhecido como Farrezão, o CDM é um local público, com estrutura para abrigar atividades esportivas. Naquele dia 27 de janeiro teve sua função modificada, por ser o maior espaço disponível para dar conta das demandas que o momento cobrava, além de ser localizado perto do Centro da cidade. O local, que tornou-se primeiramente um lugar de serviço para onde foram levadas as vítimas fatais, representou *“the need to find, identify, name, and officially dispose of the dead is in part a symbolic activity, the mark of a civilized society that seeks through great effort to ensure individual treatment of each body”* (Eyre, 2007, p. 446). Foi um processo muitas vezes complexo e demorado, e que tinha como foco essa espécie de recuperação para

devolução das vítimas aos familiares, que esperavam ansiosos para confirmar se os queridos entes realmente haviam ido, para então realizar os rituais (Eyre, 2007).

No que diz respeito ao velório coletivo ali realizado, neste caso, este aparentou desenvolver-se como uma junção de velórios e não um cerimonial exercido pelos costumeiros especialistas em despedida e luto, os representantes da igreja (Westgaard, 2006), que tradicionalmente cumprem uma função de conduzir uma resposta de luto que consideram natural e consoladora, trazendo consigo questões de controle das formas de expressão das emoções que envolvem o luto (Charmaz e Milligan, 2006), o que de fato não aconteceu naquela ocasião. Visto que *“mourning rituals contrived in a previous era for a different grieving may seem inadequate and unable to construct meaning for a seemingly meaningless event”* (Clark e Franzmann, 2006, p. 582), cada família exerceu sua expressão de luto.

Passado este momento, na noite seguinte àquela do dia do incêndio, o espaço de uma quadra do CDM foi ocupado, com pessoas sentadas nas arquibancadas e muitas outras circulando pelo espaço central. Muitos estavam portando e apresentando seus cartazes com mensagens de luto, homenagens e, inclusive, reivindicações, em um tipo de movimento que transformou aquele sítio em uma espécie de passarela, que promovia esse momento de sociabilidade entre os presentes (Westgaard, 2006), evidenciando o comportamento dos contestadores, com

a concepção rápida de proposições que imputavam responsabilizações, visto que até aquele momento não havia posição estabelecida a respeito da situação legal do estabelecimento e muito se especulava na mídia. Além disso, ocorreram comportamentos de convergência de apoiadores, enlutados e memorializadores (Kendra & Wachtendorf, 2003), como a ação de um grupo de violinistas, coros de orações e quebras de silêncios com salvas de palmas. Todos esses repertórios, que tomaram a noite santa-mariense e seu centro esportivo, davam corpo a essa mobilização social envolvendo essa comunidade de solidariedade. Assim, reuniam forças mediante aquela dor e compunham tantas formas de ação e de expressão quanto houvesse manifestantes dispostos a fazê-las (Truc, 2018). Esse curto relato de atuação e de respostas projetadas no CDM mostra a força e a intensidade da carga resultante daquela situação dramática e que, passada a ocorrência, desapareceu da esfera pública (no CDM), de forma tão abrupta quanto surgiu.

As ruas de Santa Maria

Esse *topos* refere-se a ações que atravessavam mais de um espaço, que afloravam em determinado logradouro, na via pública, com tráfego de sujeitos em uma espécie de via-trauma efêmera, percorrendo mais de um ponto, como um itinerário de significado atribuído ao caso, entre pontos de partida e chegada.

Também foram espaços demarcados por atos que se desdobravam vinculados a um sítio específico, localizado. Não seria possível descrever todos, de maneira que são mencionadas algumas das ocorrências entre a resposta imediata e as estratégias de enfrentamento; seus principais aspectos.

A resposta imediata preencheu as ruas de Santa Maria em algumas ocasiões, como foi o caso das duas marchas, intituladas “Caminhada da Paz” e “Caminhada do Luto,” concomitantes um dia após o fato, articuladas em grande parte por grupos na Internet, demonstrando novas capacidades dessas mídias virtuais, ainda em 2013. Nessa situação, cerca de 30 mil pessoas reuniram-se em percurso composto por diferentes espaços, andando e circulando por diferentes “ilhas do mar urbano” (Stavrides, 2014), neste caso representadas por vários dos locais referidos neste estudo. Em tal ato, seus participantes abordavam significações relacionadas com os processos que aquela comunidade atravessava. Os objetos portados nessas situações assimilavam-se àqueles vistos na rua dos Andradas, no Memorial de Convergência, e na atuação no CDM, incluindo a vestimenta branca para os participantes da Caminhada da Paz e o preto como representante da Caminhada do Luto. Foram ações que, de diferentes maneiras, tratavam de emitir mensagens sobre a expressão do luto, do apoio e da contestação.

Outras ações empreenderam uma espécie de inquérito com aqueles entes públicos envolvidos com a situação, como a Câmara de Vereadores, a Delegacia Municipal e a Prefeitura, pontos de passagem das marchas. Além dos cartazes, usava-se megafones, fazendo-se com que, na maioria desses pontos, algum agente público responsável viesse ao encontro. Tratava-se de uma tentativa de busca de respostas a algumas das contestações, que clamavam também por posicionamentos diferentes do até então realizado que, somado à postura de isenção, aparentava caminhar para um irresoluto (Erikson, 1995). Em suma, estes atos podem demonstrar a configuração de variados tipos de resposta imediata pelas ruas de Santa Maria, interrelacionando-os por seus percursos, conteúdos e reivindicações, que levavam a essa tentativa de compreensão dos significados decorrentes dessa multiplicação de fatores.

Quanto aos movimentos de enfrentamento, pode-se fazer referência a atos em que as ruas voltaram a ser ocupadas, agora por meio de organizações empreendidas menos por desejo de sujeitos anônimos das massas e mais por grupos e associações de familiares e sobreviventes, em uma configuração que se repetiu por muitas vezes. Foram ações empreendidas como eventos articulados e que emitiam convocações à adesão comunitária. Alguns deles foram denominados de “Sair do Luto e ir à Luta” ou “Meu partido é um coração partido,” agindo de forma contestatória, a quebrar

silêncios ou a fazer barulho, a chamar atenção para o caso, como o “Acorda Santa Maria,” para não se cair em esquecimento.

Ainda houve as marchas organizadas que replicavam atos de soltura de balões, dos cartazes contestatórios e memorializadores; as camisas de vítimas e da representação das silhuetas, agora não pintadas, mas reais, dos participantes deitados ao chão; assim como a expansão do uso do grafite, citado no caso da rua dos Andradas, agora a estampar outra via pública do centro da cidade, no viaduto Evandro Behr, que, diferente da fachada da Kiss, teve inscritos os nomes das vítimas neste lugar de significativa relevância na topografia da cidade (Becker, 1998). Também, estiveram em cena ações como o “Santa Maria Floresce,” que adornou a cidade com flores, faixas e outros, através de carros, vitrines, casas, sacadas, monumentos e postes. Em resposta ao espírito em circulação naquelas ocasiões (Becker, 1998) de completar de ano, foram ações de sujeitos ainda vinculados emocionalmente às demandas dos familiares.

Praça Saldanha Marinho: coração do Centro da cidade

A Praça Saldanha Marinho é um lugar múltiplo, um lugar de passagem, um lugar de encontro, um lugar tradicional da localidade, cercada pelo Theatro Treze de

Maio, prédio da SUCV e outros. É um sítio transformado, que acompanha a passagem do tempo e o desenvolvimento local.

Faz-se necessário mencionar que, diferente da maioria dos pontos citados, este é um espaço da cidade em que os processos de resposta comunitária criaram profundas raízes, tornando-o um sítio de especiais significados e utilizações. Por esse motivo, recebe a distinção enquanto um ponto exclusivo, por se tornar uma central de transmissão que permanece sendo um dos sítios mais utilizados ao longo desses anos.

No que diz respeito à resposta imediata, apesar de tratar-se de uma resposta institucional-religiosa (que não integra o estudo), um culto ecumênico reuniu muitas pessoas naquele local e naquele momento. Tal ato é sinalizado como significativo sinal de investimento neste sítio, tendo sido a primeira celebração religiosa direcionada a esta situação no dia seguinte à ocorrência, reunindo transeuntes, religiosos, familiares e comerciários e outros. Cabe ressaltar que não houve uma celebração religiosa funerária, que por oferta de instituições religiosas aconteceria no CDM. Então, empreendeu-se esse ato e escolheu-se não o local do incêndio, tampouco um templo, mas sim a principal praça do centro da cidade, para tal ato que diz respeito àquilo que vem sendo uma das missões das religiões e de seus sacerdotes, isto é, conduzir essa “despedida” e oferecer, de forma terapêutica, o

consolo que o momento mereceria (Westgaard, 2006). Neste caso, celebrando-se um culto ecumênico em praça pública.

No que diz respeito às estratégias de enfrentamento, há um vasto repertório de ações naquele sítio, elegido pelos grupos de familiares, amigos e sobreviventes, como ponto focal de transmissão de suas diversas mensagens. Basta dizer que neste sítio foi criada e instalada uma espécie de base memorial e de resistência, conhecida como a Tenda da Vigília, iniciada em abril de 2013 e atuante até meados de 2023. A partir desse ponto demarcado e reivindicado, a Praça foi cenário para diversas ações de barulho em favor da lembrança, como o “minuto de barulho,” composto principalmente por salvas de palmas, e oposto ao secular “minuto de silêncio.” Uma linguagem simbólica em recusa a dar a última palavra à morte (Zeitlin, 2006). Também houve ações de solidariedade, reuniões, rodas de conversa e de acolhimento dos sujeitos entre si, em que estes se reuniam para empregar rituais autoprojeados (Clark e Franzmann , 2006), tratados como “*an interactive process in which people share personal experiences*” (Forrest, 1993, p. 448), constituídos pela reunião pública em determinado espaço-tempo, criados para mobilizar discursos e símbolos desse determinado evento histórico (Clifford, 2013). Tais eventos enquadram-se como uma forma de fazer história; em movimentos que mesclam ou constituem outras formas de narrar (Sturken, 1991). Assim como alguns dos

elementos possíveis de mencionar, como o uso das *dead man shirts*, camisetas comemorativas utilizadas em contextos de mortes (Doss, 2008), seguidas dos banners também individuais, carregando fotografias e mensagens para e sobre às vítimas. Houve também o uso de um *banner*, em estilo de faixa, com grandes dimensões, que foi colocado naquele local, com os retratos das vítimas e posteriormente seus nomes, que possibilitava, naquele sítio, a manutenção da presença material das vítimas em um cenário de total ausência desses corpos (Hallam e Hockey, 2001) ou das marcas e vestígios que o lugar do evento precipitante poderia representar (Moore, 2009). Trata-se de um significativo investimento memorial a partir de um vazio no espaço público, fruto desse desejo de seus criadores. Posteriormente, além da Tenda da Vigília, o espaço da Praça foi usado como sede de vários eventos “co-memorativos” daquilo que ficou conhecido como “semana do 27 de janeiro,” encontros anuais organizados por esses grupos.

Colégio Franciscano Sant Anna e Colégio Marista Santa Maria - Rua dos Andradas, nº 1658 ou Rua Silva Jardim, nº 1496 e Rua Floriano Peixoto, nº 1217 – Centro da cidade

O Colégio Franciscano Sant Anna e o Colégio Marista Santa Maria são duas instituições de ensino particulares da cidade, de localização central, com

infraestrutura para eventos, como um ginásio e um auditório. Ambos não tiveram relação direta com o evento precipitante, mas colocaram suas instalações a serviço das associações de familiares e foram utilizados para algumas ações empreendidas por esses atores.

Foram mobilizações de enfrentamento levadas a cabo por grupos de familiares envolvidos com as “co-memorações,” neste caso anuais, e que tiveram apoio de entidades da sociedade englobante. Isto refere-se a essa espécie de transição entre promoções empreendidas pelos afetados diretamente e que ainda recebem alguma resposta da sociedade, neste caso representada pelos dois colégios. Esses casos ensinam que, em algumas situações, os locais podem modificar-se ou as atuações podem modificar diferentes sítios em sua busca por certa ancoragem (Halbwachs, 2008). No entanto, o elemento crucial aqui diz respeito à postura dos sujeitos que mantêm essas tradições, independentemente do espaço (Halbwachs, 2008), sobretudo quando constata-se o posterior retorno à Praça, inclusive com estabelecimentos de laços de cooperação entre coletivos e Prefeitura; relação complexa entre diferentes gestões, a ser mais bem compreendida na próxima categoria.

Gabinete do Poder Executivo - Rua Venâncio Aires, nº 1934 - Centro da cidade

Trata-se de um edifício público, anteriormente utilizado como sede da antiga Sociedade União dos Caixeiros Viajantes e, posteriormente, dentre outras funções, utilizado como gabinete do Executivo Municipal. Certamente, este segundo aspecto foi o responsável pelo empreendimento de enfrentamentos. Nele houve mobilizações de forte intensidade contestatória, voltadas à reivindicação pela responsabilização do Poder Público municipal, que por esse motivo insere este local como um ponto específico de ação na cidade, mesmo que os atos tenham ocorrido no espaço da via pública.

Foram ações empreendidas neste sítio específico, levando coletivos mobilizados a empreenderem esse ato de caráter interrogativo, inquisitório e de questionamento. Houve convocação do representante da cidade para ouvi-los, nesse formato de convocação popular a um prefeito que, ao longo do processo, resguardou-se e pouco manifestou-se sobre o caso e as possíveis responsabilidades. Mediante a negativa do diálogo, os sujeitos impediram o fluxo de veículos da rua Venâncio Aires e empreenderam marcações na fachada do prédio, próximo à entrada, por meio de cartazes e faixas, além dos carimbos das mãos, com tinta vermelha, como um gesto das mãos vermelhas, de sangue. Esses atos logo

resultaram em reações dos poderes constituídos, com a presença da força policial para impedir que dessem seguimento à marcação e para “restaurar a ordem.”

Nessa direção, os sentidos empregados pela utilização das mãos podem remeter à expressão do “eu,” e também para denunciar a morte pelas mãos de algum algoz, sobretudo quando são vermelhas (Yocom, 2006). Denunciavam a responsabilidade da prefeitura, com mãos sujas de sangue, por meio de marcas que expressavam essa acusação. Contraditoriamente, aqueles que tinham suas mãos limpas precisaram utilizá-las para tal empreendimento. Todavia, esse tipo de enquadramento também pode remeter-se a outras imagens, como as mãos que poderiam ser as dos jovens que não alcançaram a porta de saída da boate. Em outra situação, as já conhecidas pinturas de silhuetas foram utilizadas neste local, imputando, novamente, certa responsabilização ao governo local, que nesta ocasião respondeu de forma abrupta e imediata, apagando essas representações e utilizando de argumentos muito comuns, os quais elaboram uma justificativa para tal ato com base nas leis; neste caso, de trânsito. Consequentemente, em virtude dessa situação, as silhuetas foram mais uma vez pintadas no local e novamente apagadas, desta vez com cobertura asfáltica e com uma espécie de ameaça de notificação judicial ao movimento autor da ação, ativando as convenções de controle do espaço (Zeitlin, 2006).

Câmara Municipal de Vereadores – Rua Vale Machado, nº 1415 – Centro da cidade

A Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria dá seguimento ao processo de ocupação e manifestações pela cidade, em espaços que ficaram significados como vinculados em segunda instância, visto que não estiveram envolvidos com o evento precipitante, mas foram estabelecidas relações a partir de desdobramentos dele. Portanto, a casa do Legislativo e seus representantes, em determinada ocorrência, constituíram a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) destinada a investigar o envolvimento do governo municipal no caso. Tal contexto fomentou as mobilizações citadas.

A proposição demonstrou a ação de familiares articulados em associações, somados a outros agentes, para reivindicar seus direitos referentes aos crimes cometidos, perante os governos locais ou de outras instâncias (Álvarez, 2019). Desse modo, tanto o cenário político quanto outros elementos do contexto vigente influenciaram nessas proposições, para além da crença de que sejam todas decorrentes do trauma cultural (Clifford, 2013). Isso porque se tratava de um momento em que pulsavam no Brasil diversas iniciativas populares de reivindicação das mais variadas pautas. Era junho de 2013, período que ficou conhecido por dar início a novos grupos e tipos de reuniões populares na via pública neste país (Gohn, 2017).

Tal ação, posteriormente, gerou conflitos entre familiares, caracterizados por algo que Zenobi constatou dizendo respeito a movimentos de *“oposición de algunos familiares a la politización (que) ha sido tratada como una resistencia a reconocer el carácter político de la demanda a partir de una supuesta oposición entre la ‘familia’ y la ‘política’”* (Zenobi, 2014). Julgavam não ser apropriado utilizar do nome das associações ou da “presença” de seus filhos, manifestada através dos *banners*, em um tipo de ação que, inclusive, demonstrava a ênfase na vida ativa dos mortos (Greenhalgh, 2002) nesse tipo de mobilização, interpretada como de forte cunho político.

Ministério Público em Santa Maria - Alameda Montevideu, nº253 - Nossa Senhora das Dores

O Ministério Público (MP) em Santa Maria, por meio de sua Procuradoria Geral, foi mais um ente público contestado e que respondeu de formas diversas, como o isolamento do local para impedir uma ocupação, resultando na realização dos atos na via pública. Esse trecho do Ministério Público (MP) conflui na mesma direção que o abordado no ponto referente à Câmara de Vereadores. Talvez seja um desdobramento um do outro, em que tal situação refere-se aos diferentes níveis de envolvimento e tratamento do caso, indo desde o local até o federal. A reação dos

familiares foi contundente e afrontava a decisão tomada pelo MP, indo ao encontro da proposição de controlabilidade levantada por Kellerman (2007), sobre a forma como estes sujeitos passaram a atuar na intenção de garantir que o processo ocorresse da forma devida.

Nos termos dos elementos, os sujeitos chegaram a montar um outro tipo de vigília no local, acentuada por barulhos e composições de cenário, de forma similar à apropriação empreendida em outros lugares, acentuando as proposições sobre os repertórios de ação coletiva (Truc, 2018; Tilly, et al., 2020), como esses formatos de enfrentamento reiterados em Santa Maria, em diferentes tipos de espaços. Nessa direção, sujeitos reunidos naquele local atuaram de formas expressivas, utilizando da voz como um instrumento, inclusive contando a sequência numérica de um a 242, usando de rimas em seu protesto; tipo de ato que neste momento parecia ajustar seu status. Isso porque, em outras situações ou lugares, a contagem desses números comparava-se à proposição de “chamada dos mortos,” um ato simbólico de homenagem, de algum modo sacralizando o momento e o local de ocorrência, trazendo a presença dos ausentes (Becker, 1998; Theodosiou, 2012), que neste caso e lugar foram utilizados ou vieram em reivindicação e demonstração da dimensão do crime que causou tantas mortes.

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Avenida Roraima, s/n – Bairro Camobi (Cidade Universitária)

A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) é uma instituição de ensino sexagenária, que tem papel pioneiro no desenvolvimento do ensino superior no interior do país. Aqui se trata da apropriação comunitária do status simbólico daquele espaço, como instituição de ensino e por seus vínculos de identidade de grupo (Grider, 2006), neste caso caracterizados pela afinidade compartilhada entre comunidade e UFSM, que teve uma centena de estudantes vitimados pela ocorrência.

Foram realizados alguns atos constituídos em tom “co-memorativo;” mobilizações de associações de familiares e de moradores da região. Estes propuseram a colocação de 242 girassóis em um dos campos gramados que existem no local. Tais ícones foram utilizados como referência à luz. Também houve ato em que plantou-se uma árvore frutífera, remetendo-se à vida, à resiliência e a um tipo de construção que por sua vez remete-se ao corpo social abalado (Truc, 2018). Como um organismo que pode receber cuidados e representar a vida, além de ter servido como marco para as posteriores cerimônias ali realizadas, oferecendo rega a essa vida vegetal.

Pensamentos finais

Um processo de desastre fez surgir modos de comportamento social, que desde finais do século passado são fortemente difundidos e compulsivamente divulgados pelos meios de comunicação de massa. Neste caso, o desaparecimento das demarcações da passagem desse efêmero pelas ruas da cidade suscitou a reencontrar os seus registros e a criar uma forma de compartilhar o documentado dessa experiência. Assim, atrelando a teoria dos estudos de respostas a processos de desastres com o método da Análise de Conteúdo, foi possível constituir categorias e trazer alguns elementos dessa demarcação do espaço da cidade, bem como desses modos e fases de resposta.

O mapeamento, desde o Prédio da boate Kiss ao Centro Desportivo Municipal; às ruas; à Praça Saldanha Marinho; aos Colégios Franciscano e Marista; ao Gabinete do Executivo Municipal (SUCV); à Câmara Municipal de Vereadores; ao Ministério Público; e à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); assim como das unidades de ações no choque, respostas imediatas e estratégias de enfrentamento, demonstraram um quadro das respostas comunitárias empreendidas na cidade. Representadas por mobilizações e ações de natureza efêmera, de trânsito e fluxo de pessoas entre estes pontos físicos e através das fases e meios de resposta. Indicando as distintas possibilidades de apropriação do espaço da cidade para

responder ao trauma causado pela ocorrência e por seus desdobramentos. Que através deste trabalho podem ser observadas em um tipo de suporte que atrela a localização dos sítios em relação ao espaço da cidade, com a teoria que conduz a observação e as imagens dos jornais.

Finalmente, em decorrência da delimitação do artigo, muitas questões deixaram de ser abordadas. Algumas foram tratadas com mais profundidade que outras. Além disso, a resposta comunitária ao processo de desastre ainda ocorre e deverá ser analisada por outras lentes e através de distintas fontes em próximas investigações.

Bibliografia

Alexander, J. C. (2012) *Trauma: a Social Theory*. Cambridge & Malden: Polity.

Álvarez, O. A. (2019) “Memoria histórica como respuesta a la violencia,” em Liliana Cecilia Molina González e Luis Antonio Ramírez Zuluaga (eds.) *Qué hacer ante el daño que produce la violencia: reflexiones sobre el mal moral, el resentimiento, la memoria y el perdón*. Colección Conflicto, paz y memoria. Medellín, Colombia: Editorial Universidad de Antioquia, pp. 127–154.

Bardin, L. (2004) *Análise de Conteúdo*. 3ª. Lisboa: Edições 70.

Barrera, J. H. (2010) *Metodología de la Investigación.: guía para la comprensión holística de la ciencia*. 4ª ed. Caracas: Quirón Ediciones.

Becker, A. (1998) "Deuils prives, deuils collectifs: Comment transfigurer les morts de la grande guerre?" *Modern and Contemporary France*, 6(2), pp. 169–176.
<http://doi.org/10.1080/09639489808456421>

Beristain, C. M. et al. (2000) "Rituals, social sharing, silence, emotions and collective memory claims in the case of the Guatemalan genocide." *Psicothema*. 12, pp. 117–130.
<https://www.psicothema.com/pdf/405.pdf>

Charmaz, K. e Milligan, M. J. (2006) "Grief," in Jan E. Stets e Jonathan H. Turner (eds.) *Handbook of the Sociology of Emotions*. Handbooks of Sociology and Social Research. Riverside: Springer, pp. 516–538.

Clark, J. e Franzmann, M. (2006) "Authority from Grief, Presence and Place in the Making of Roadside Memorials." *Death Studies*. 30(6), pp. 579–599.
<http://doi.org/10.1080/07481180600742574>

Clavandier, G. (2004) "Que faire des traces d'une catastrophe? Mémoire des accidents et aménagement." *Les Annales de la Recherche Urbaine*. 95, pp. 35–41.
https://www.persee.fr/doc/aru_0180-930x_2004_num_95_1_2530

Clifford, R. (2013) *Commemorating the Holocaust: The Dilemmas of Remembrance in France and Italy*. Oxford: Oxford University Press.

Doss, E. L. (2008) *The Emotional Life of Contemporary Public Memorials: Towards a Theory of Temporary Memorials*. Amsterdã: Amsterdam University Press.

Erikson, K. (1995) "Notes on Trauma and Community," in Cathy Caruth (ed.) *Trauma: explorations in memory*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, pp. 183–198.

Eyre, A. (2007) "Remembering. Community Commemoration After Disaster," in H. Rodríguez et al. (eds.) *Handbook of Disaster Research*. Nova York, NY: Springer, pp. 441–455.

Forrest, T. R. (1993) "Disaster Anniversary: A Social Reconstruction of Time." *Sociological Inquiry*. 63(4), pp. 444–456. <http://doi.org/10.1111/j.1475-682X.1993.tb00323.x>

Fritz, C. e Mathewson, J. H. (1957) *Convergence Behavior in Disasters: A Problem in Social Control*. Washington D.C.: National Research Council, National Academy of Sciences.

Gerlach, J. (2018) "Mapping as Performance," in Alexander Kent e Peter Vujakovic (eds.) *The Routledge Handbook of Mapping and Cartography*. Routledge Handbooks. Londres e Nova York: Routledge, pp. 90–100.

Gohn, M. d. G. (2017) *Manifestações e protestos no Brasil: correntes e contracorrentes na atualidade*. São Paulo: Cortez.

Greenhalgh, S. (2002) "Our Lady of Flowers: the Ambiguous Politics of Diana's Floral Revolution," in Adrian Kear e Deborah Lynn Steinberg (eds.) *Mourning Diana. Nation, Culture, and the Performance of Grief*. Londres e Nova York: Routledge, pp. 40-59.

Grider, S. (2006) "Content Analysis of the Spontaneous Shrines Following the 1999 Bonfire Collapse at Texas A&M University," in Jack Santino (ed.) *Spontaneous Shrines and Public Memorialization of Death*. Nova York: Palgrave Macmillan, pp. 215–232.

Halbwachs, M. (2008) *La topographie légendaire des évangiles en Terre saint: étude de mémoire collective*. Paris: Quadrige PUF - Presses Universitaires de France.

Hallam, E. e Hockey, J. L. (2001) *Death, memory, and material culture*. Oxford and New York: Berg.

Kellermann, P. F. (2007) *Psychodrama with Trauma Survivors: Acting Out Your Pain*. Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers.

Kendra, J. M. e Wachtendorf, T (2003). "Reconsidering Convergence and Converged Legitimacy in Response to the World Trade Center Disaster," in Lee Ben Clarke (ed.)

Terrorism and Disaster: new Threats, New Ideas. Research in Social Problems and Public Policy. Amsterdã e Londres: Elsevier, pp. 97-122.

Kent, A. e Vujakovic, P. (2018) "Introduction," in Alexander Kent e Peter Vujakovic (eds.) *The Routledge Handbook of Mapping and Cartography*. Routledge Handbooks. Londres e Nova York: Routledge, pp. 1-5.

Lowe, S. e Fothergill, A. (2003) "A Need to Help: Emergence Volunteer Behavior after September 11th," in J. L. Monday (ed.) *Beyond September 11th: An Account of Post-Disaster Research*. Boulder: Institute of Behavioral Science; Natural Hazards Research and Applications Information Center, pp. 293-314.

Margry, P. J. e Sánchez-Carretero, C. (2011) "Rethinking Memorialization," in P. J. Margry e Cristina Sánchez Carretero (eds.) *Grassroots Memorials: The Politics of Memorializing Traumatic Death*. Remapping Cultural History. Nova York e Oxford: Berghahn Books, pp. 1-48.

Martini, A. e Buda, D. M. (2020) "Dark tourism and Affect: Framing Places of Death and Disaster." *Current Issues in Tourism*. 23(6), pp. 679-692.
<http://doi.org/10.1080/13683500.2018.1518972>

McLean, K. (2018) "Mapping the Invisible and the Ephemeral," in K. McLean e Peter Vujakovic (eds.) *The Routledge Handbook of Mapping and Cartography*. Routledge Handbooks. London and New York: Routledge, pp. 500-515.

Moore, L. M. (2009) "(Re)covering the Past, Remembering Trauma: The Politics of Commemoration at Sites of Atrocity." *Journal of Public and International Affairs*. 20, pp. 47-64.
<https://jpia.princeton.edu/sites/g/files/toruqf1661/files/2009-3.pdf>

Santino, J. (2006) "Performative Commemoratives. Spontaneous Shrines and the Public Memorialization of Death," in Jack Santino (ed.) *Spontaneous Shrines and Public Memorialization of Death*. Nova York: Palgrave Macmillan, pp. 5-15.

Santino, J. (2006) "Spontaneous Shrines, Memorialization, and the Public Ritualesque." *Ritsumeikan University Institute for Research in Humanities Bulletin*, 94, pp. 1-65.

Schindel, E. (2009) "Inscribir el pasado en el presente: memoria y espacio urbano." *Revista Política y Cultura*. 31, pp. 65-87.
https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-77422009000100005

Senie, H. F. (2006) "Mourning in Protest: Spontaneous Memorials and the Sacralization of Public Space," in Jack Santino (ed.) *Spontaneous Shrines and Public Memorialization of Death*. Nova York: Palgrave Macmillan, pp. 41-56.

Stavrides, S. (2014). "Occupied Squares and the 'Urban State of Exception': In, Against and Beyond the City of Enclaves," in Estela Schindel e Pamela Colombo (eds.) *Space and the Memories of Violence: Landscapes of Erasure, Disappearance and Exception*. Palgrave Macmillan Memory Studies. Londres: Palgrave Macmillan. pp. 231-243.

Sturken, M. (1991) "The Wall, the Screen, and the Image: The Vietnam Veterans Memorial." *Representations*, 35, pp. 118-142. <http://doi.org/10.2307/2928719>

Theodosiou, C. (2012) "La mobilisation des morts : culte du souvenir et culture de guerre en France pendant la Grande Guerre." *Revue Lisa*. 10(1).
<https://journals.openedition.org/lisa/4844>

Thomas, J. B. (2006) "Communicative Commemoration and Graveside Shrines: Princess Diana, Jim Morrison, My 'Bro' Max, and Boogs the Cat," in Jack Santino (ed.) *Spontaneous Shrines and Public Memorialization of Death*. Nova York: Palgrave Macmillan, pp. 14-40.

Tierney, K. J. et al. (eds.) (2001) *Facing Hazards and Disasters: Understanding Human Dimensions*. Washington, D.C: Joseph Henry Press.

Tilly, C. et al. (2020) *Social Movements, 1768-2018*. Fourth edition. Nova York: Routledge.

Truc, G. (2018) *Shell Shocked: The Social Response to Terrorist Attacks*. Cambridge e Medford: Polity Press.

Westgaard, H. (2006) "'Like a Trace:' The Spontaneous Shrine as a Cultural Expression of Grief", in Jack Santino (ed.) *Spontaneous Shrines and Public Memorialization of Death*. Nova York: Palgrave Macmillan, pp. 147–172.

Yocom, M. R. (2006) "'We'll Watch Out for Liza and The Kids:' Spontaneous Memorials and Personal Response at the Pentagon, 2001," in Jack Santino (ed.) *Spontaneous Shrines and Public Memorialization of Death*. Nova York: Palgrave Macmillan, pp. 57–97.

Zeitlin, S. (2006) "Oh Did You See the Ashes Come Thickly Falling Down? Poems Posted in the Wake of September 11," in Jack Santino (ed.) *Spontaneous Shrines and Public Memorialization of Death*. Nova York: Palgrave Macmillan, pp. 99–117.

Zenobi, D. (2014) "Cromañón: ¡Qué mierda no va a ser político!" *Revista Anfibia*, UNSAM 29/12/2014 <https://www.revistaanfibia.com/cromanon-que-mierda-va-ser-politico/> [last accessed 10/12/2023]

Židek, N. (2020) "A Day of Unfinished Mourning: Historicizing Commemorative Practices of Bleiburg Among the Croatian Diaspora in Argentina." *Memory Studies*. 13(6), pp. 1081–1096. <http://doi.org/10.1177/1750698018823225>